

ENSAIO





YANN ANDRÉA STEINER E A PACIENTE DO QUARTO 2327¹

André Queiroz*

Resumo – Marguerite Duras e Yann Andréa Steiner foram amantes. Ela ao final da vida. Ele, um jovem homossexual. Marguerite Duras teve problemas com álcool ao longo de boa parte de sua vida. O álcool é dos elementos constitutivos de sua literatura. Certa feita, esteve à morte. Desacordada por vários meses. Yann Andréa Steiner foi quem a acompanhou nesses dias de ausência e desligamento. Escrevera um livro a partir dessa ausência e de seu testemunho. Livro cujo nome são as iniciais dela: MD. Marguerite também escreve um livro cujo título é o nome do amante. Este texto é o cruzamento inadvertido dos dois.

Palavras-chave: Marguerite Duras, literatura, literatura francesa, literatura brasileira, cinema.

*Para o Daniel Lins –
que dissera escrever sobre o álcool.*

5 de agosto de 1982 – Yann Andréa inicia as suas anotações. Seu livro começa ali – àque-la data o inaugura. Ali as primeiras linhas. O fôlego curto. O susto, a imprecisão com relação a tudo. O medo de que seja tarde. O medo de que fosse a morte. De que os dias se contem nos dedos. De que se tenha ido além da conta. Que o possível não diga respeito aos arranjos do tempo. De que tão logo tudo esteja restrito ao agora. Contra isto, o registro. Contra isto, as notações. O depoimento. A memória. A palavra que quem sabe corta. E quem sabe sutura. E que talvez rejunta. A palavra que reordene. Que faça sugerir um sentido às coisas. Que se lhas deposite o sentido que não seria o das coisas – mas delas, o sentido que é desde as palavras, ele sabe isto que as palavras talvez nelas elas o tragam e então elas aí. Yann escreve. Contra isso é que se lhe faz a escrita. Um livro ali. Seu livro começa ali. Como numa justa o desafio. Arma-se o xadrez às horas. Dá-se a si os trabalhos do início. As peças brancas, o exército que se tem. O tabuleiro parece inclinado. Um penhasco o tabuleiro. Parece que pende

1 - Texto de Queiroz (2010).

* Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professor associado no Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de escritor e ensaísta.

para lá, para cá. Parece embriagado o tabuleiro. Indisposto ao jogo. Entregue aos atropelos. Tomado às trapaças do destino. Um risco, o corte – o tombadilho – e faz que cai o jogo ele se desmonta, ele se atropela. Yann Andréa Steiner enxerga naufragos ao seu redor. Ele mesmo um. Quanto será o tempo – uma sobrevida o bálsamo? E onde será se começa isto? A que modo ainda atende o organismo? Será que é de restos o de que se dispõe? Restos ao tanto de esbarrões – os órgãos revirados, lançados à própria sorte, eles como que deixados à deriva, enlameados talvez que das chuvas de um verão de há tanto a insensatez molhada em éter, a curva que onde ainda é a bebida, o copo a trazer no álcool um açude a interrupção do mundo. Quanto será que custa a espera – alguma equipe o salvamento uma terra à vista? Será se está à prova, o tempo ao tempo que se lhes será, e então o interregno? Será se está ao "ainda" – o leme às mãos, o pulso que não quebra, o horizonte a um seu invento desde as hastes da vela a direção a seta, os passos sóbrios de umas peças ao ataque – a dama que é dada ao xeque-mate, os peões ao sacrifício da boa causa, tudo como que ao seu domínio, a extensão de seu território, a língua a assimilar os outros outrora uns bárbaros, o exército alheio em recuo, a retirada a rendição, lá o desmantelo? Ou será nada, nada que isto, ou será o que se têm são as marés inclinadas ao balouço, a nau em frangalhos, o tempo ele mesmo o desgovernado? Está-se refém – serão já as horas a isto? Yann Andréa Steiner talvez não traga consigo qualquer resposta fosse o caso uma resposta a aquietar os rumores. Yann Andréa não as tem. Seu livro começa aí. Como se ele fora um anteparo. Um contorno às urgências. Um desvio de rotas. Imensa a destreza do comandante – a máquina como que a parar as turbinas, os motores todos postos à avaria, e ele lá ao contorno das metas, as curvas ácidas na que se dá ao desafio, às provações de quando um deus havia, ele lá a descrever os planos ao voo uma aterrissagem em pista traçada de há pouco, uma língua na mata – um rasgo, um clarão, sirenas improvisadas onde deveria haver os sinalizadores, a torre de comando, a liberação a que se faça o pouso e nada e nada! Yann Andréa escreve seu livro. Ali ele como que começa. 5 de agosto de 1982. Trouville – Yann Andréa está em Trouville. Ele ela. O apartamento à beira do mar. É nele que se bebe aos borbotões. Desde a manhã, os primeiros goles. E será isto até que se esteja à noite. Ontem, amanhã, dois anos assim. Ela talvez não aguente. Parece deve haver um limite. E talvez pareça que o limite é o aceno do corpo. As pernas não aguentam o peso do fígado gasto. Alguém que chega, o exame – *um médico ali*. Quando tempo isto? Ainda há o tempo a que as coisas persistam como estão? A fala do alguém. Antessala, uma contravista. Melhor que não se ouça a fala. Ela perfura carretéis aos que a escutam. Melhor que não se ouça. Outra garrafa. Parece faz esquecer – a fala, o alguém, o exame. As pernas, o fígado, o rosto torcido – porque é no rosto que a entorse desfigura de início. O inchaço, as maçãs sobressaltadas. A boca dada aos espasmos, uma golfada desde ali. Melhor que se pare. Melhor. Começar a escrever. Voltar a escrever. Ela diz "achar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita pode nos salvar" (DURAS, 1994, p. 19). Está-se de sob os testes. Faz-se que persiste o

que esteve a passar. Faz-se que custa o que tão logo desaparece – as crianças à praia, os desacertos leves do estar-se criança e eis que tão logo não, ela dirá que elas as crianças “eles vão crescer, isso vai desaparecer, seria bom guardar essa beleza” (DURAS, 1993, p. 5). Yann Andréa Steiner escreve como quem se arranja o espaço ao que há de se guardar. Escritor, escrivão – um invólucro. Arrendar ao instante o que já se lhe arrancava. Arranjar as gavetas, os escaninhos, os blocos à anotação. Trazer consigo um maço de papéis. Uma resma em reserva ao que será. Ao que se deu – e que não mais. Ao que se está a se dar e que não será ao tanto da desatenção este se dar. Como se tudo fosse de uma última vez. Como se tudo fosse de uma só vez. E então eis que os olhos à captura de tudo. Os olhos, nele o tudo, estes olhos não passariam ao buraco da agulha. Olhos pródigos a despeito disto. Uns olhos que como janelas à audição porosa do que for, do que estiver a ser. Yann Andréa escritor, escrivão, os papéis em estado de febre, a notação. Arma-se ali, ele arma o diagnóstico, os plantões, a escuta aos sintomas. O que será se está a operar? Será a paralisia que desde o cérebro é o embaralho de tudo? Será o coma *de uns anos depois* ele já agora a conjurar a sequência dos dias, semanas, meses – ele o apagamento de tudo, e mesmo o apagamento do tudo até que ele fosse, até que ele se desse, e então os anos de depois um após o outro, os seis anos de depois arrancados à duração, eles à síntese do agora, os anos todos como que num pacote, o embrulho ao estômago, as visões celeradas, ela “parada, sem olhar, refém da morte: no hospital Laënnec os médicos cogitam a eutanásia. Pedem a Yann uma sua autorização” (LEBELLEY, 1994, p. 299.), mas quede que Yann? Quede que ele – será fugira para com as obrigações? Será se escondera ao peso do que lhe seria? Yann Andréa não está ali – a cena na que ele está é outra – cena que é de um tempo mais remoto, Yann Andréa ainda lá está, ele se demora por lá, Yann Andréa Steiner ele ainda não chegou até que seja a hora de decidir por um algo que até aqui não se lhe deu – algo que será ainda o tempo de seis anos até que o algo se lhe acerte na forma da inquirição, *uma eutanásia, fazer parar os aparelhos que a mantêm – alguém a lhe perguntar, Yann onde que ele?* Ele está ainda aqui atrás, uns anos antes, Yann escreve livro, Yann para o tempo que não para de antecipar-se, ele faz voltar as cenas todas no formato dos dias que são dias que começam assim – uma data presa no branco das páginas, uma data comedida aos modos de um diário, um plano-sequência, 5 de agosto de 1982, a data escavada ao buraco, tragada de dentro como que por uma sonda a data, uma data em solidão total, uma data que nunca mais seria ela mesma senão a sua repetição a cada vez que alguém a lesse ali lá o livro que para a morte que ainda não, o livro a submeter o “tudo que será” ao reinício contínuo que ele traz consigo o regresso até ali, aquele dia insistido, a reiniciar a obra, a dar giros aos tornos no que um fato se molda, a obra – o operário na trava do que seria não fosse ele a operar o seu volteio, as imagens retrovertidas, *será o atabalhado dos fatos?* As imagens todas misturadas. O caleidoscópio delas. O uso o abuso o embaralho. Dali o que será se extrai? As vozes que só o passado as reconhece, será o dele, será o dela? Será de alguém um passado, ou será daquele que o tomar a si como que num

invento de depois, sempre o invento? As vozes de um passado elas parecem surgidas, imperiosas, pontiagudas – têm lâminas finas de entre os seus negativos, as vozes, as imagens, elas parecem saídas das costas dos dentes cerrados, do canto das bocas a melodiosa recitação do que fora e que não mais, tudo como que misturado, as imagens – uns tipos antiquíssimos, primordiais, animais que nunca aqui. Será que à Indochina, a imagem que fica gravada? O carro de luxo, os pezinhos em rosa a descer de seu interior, Anne-Marie Stretter? Ou será que não ali, uma Indochina, o cortejo dos suplicantes, o imperador, o chefe dos mandarins, a colônia francesa de depois, e ainda lá o cortejo dos suplicantes, os colonos a arcar com as despesas todas de sua miséria, a água contaminada, o tifo, *o horror o horror*, o comércio de a cada dia a feira ferida que escangalha, o trabalho, as guerras, as separações, será a Indochina. Anne-Marie Stretter ela está dentro do baile na que tomba imensa Lol V. Stein, ela agora está dentro de um livro, ela mesma é apenas a palavra que do livro se faz lançada ao corpo de dança, os músicos no atravesso das notas a noite vencida, Lol V. Stein (cf. DURAS, 1986, p. 7-15), será ela cabe no livro, as imagens todas misturadas, os cheiros de lugares inóspitos a aviltar os interiores do quarto, e os fantasmas, e os fantasmas todos eles soltos na quadra uma confraria deles a operar surpresas quando no mais tarde da noite é o corpo o que se rebela. Está-se a ver se resiste o corpo. Yann Andréa é a testemunha do que ele não queria – o ver, o ouvir, o sentir, e tudo somado, e tudo ao composto das palavras de sob a sintaxe o léxico os acordes ao respeito de quem os lê ali lá um livro. Yann Andréa está a escrever. O traço certo ao papel em branco – ele está a arremessar dardos. Porém não será desde ali que um livro – ele se fará. Ele não se fez desde ali o livro. O livro é anterior a si. Com certeza que isto. Ainda que isto possa parecer insensato, mas com certeza que isto, o livro é desde antes que ele. Onde então ele? Onde havia o livro que ainda não? Desde um seu mote? Uma arrumação de tudo para que o tudo esteja ao jeito de as coisas se fazerem tais como elas se fizeram? Por que será Yann Andréa estaria ali a escrever acerca de algo que não lhe pertence – a morte estancada que seria a dela fosse o caso a morte. Esta morte não lhe pertence. Não é a morte dele, será então que é uma morte para ele? Uma morte que lhe fosse propícia aos motes da escrita dela – escrever a morte, subescrevê-la ao corpo da escrita? Por que estaria ele ao lugar da testemunha – anotar os fatos, recontar os mesmos, deliberar o encerro, deliberar a soltura, será lhe foi conferido este direito a um lugar como este? Será de um assalto que ele ali se pôs – o herdeiro à história, um historiador, o “aquele” que se apropria do que estava como que à solta? Será lhe fora entregue o mapa das funduras – ele a ingressar nos buracos a ver os fins de perto pertíssimo, a enxergá-los com uns olhos de lince, a colori-los em lápis de ponta grossa, ele a descer até o “dentro” no que seria a morte o que estava a azeitar-se ao corpo da outra, a mulher que não vai morrer, ele um Orfeu de hora a hora no sequestro dela, o tomar dos braços num repuxo o tranco para fora do poço, ele a tecer a escrita que salva – só mesmo assim a escrita, ele a soprar os olhos dela a ver se a poeira que lhe cobre é leve, Yann Andréa Steiner esteve a ponto de dizer que sim, que era melhor que se

desligassem os aparelhos, ele esteve a ponto disto, a ponto de uma fala como esta mas não houve o tempo a este ponto, ela abriu os olhos de dentro daquela doença da morte, ela disse que "abri os olhos. Olhei. As pessoas, o quarto. Estavam todos lá – me contaram. Olhei aquelas pessoas imóveis, de blusa branca, que me sorriam numa espécie de loucura, de felicidade louca e silenciosa. Não reconheci seus rostos, mas reconheci que aquelas formas eram de seres humanos, não de paredes, não de aparelhos, mas de pessoas com olhos que olhavam. E depois fechei os olhos. Para em seguida reabri-los e novamente ver as pessoas, e a mim, me disseram, com um sorriso divertido nos olhos. Houve um silêncio" (DURAS, 1993, p. 11).

Yann Andréa Steiner fora poupado àquela carga, àquela hora na que houve um silêncio. Não precisaria ele da palavra mágica, *dizer que sim, dizer que se desligue*, ele não precisou dizer isto, não lhe fora outorgado aquele preposto, um eu a sitiá-lo à resolução das coisas, foram as coisas mesmas que estiveram a se fazer resolvidas, um retardo às horas, o rechaço da hora na que a morte. Não fora preciso que Yann estivesse ali. Yann Andréa Steiner esteve solto até que fosse o livro o que se lhe viesse. Aquele dia em que o livro veio à tona. Aquela data – uma outra vez é preciso anunciar aquela data como se fossem trombetas o que se dispusesse às mãos, 5 de agosto de 1982, o livro como que a pender para a frente e para trás, o balouço que fora o do tabuleiro de um xadrez inoportuno, ele o balouço agora ao livro, o livro a pender até à frente como num resgate, até atrás num outro resgate, o livro entre dois inchaços, o livro entre os derrames do álcool, onde será ele se inicia for o caso se ter ouvido que não fora àquela data – porque estando ao livro a data é já a sua realização. Desde onde o livro, um seu preparo, o seu resguardo? Parece que é desde antes. Parece que um livro é sempre o que encerra o antes dele. Ou será que não? Ela dirá que não. Ela dirá que de seus livros nunca que isto. Ela dirá ter "as mãos vazias, a mente vazia, uma imensidão vazia, um livro eventual, diante de nada, diante de algo semelhante a uma escrita viva e nua, algo terrível, terrível de ser subjugado, ela diz que acho que a pessoa que escreve não tem a idéia de um livro" (DURAS, 1994, p. 19). Ele nada dirá sobre. Apenas o que dirá é o que está no livro. É o que o livro é. Ou será que não? Afinal fora de outro modo que ele se fora chegando até que ela. Até que ele. Dois anos até que o livro. No princípio foram as cartas. Quase que apenas isto, as cartas. O que havia eram as cartas – nelas, a relação. Nunca ainda o encontro entre os dois. Melhor que fosse assim – ela a dizer isto. Melhor que fosse deste modo – *afinal o retiro lhe era preservado*, evitava-se que a vida lha fosse impedida, e a vida era a escritura, o deitar-se sobre os livros, o dar-se a eles de forma desmedida. Escrever, ali a vida. Inscrita, a vida ao modo o seu. Fazer durar este tempo. Fazer escandir as horas. Talvez será depois que se venha a perceber que ali se esteve por dez anos inteiros, dez anos dentro de um quarto, dez anos dentro de uma casa, ela a dizer isto – "que dentro da casa a gente fica tão só que às vezes se perde. Só agora sei que permaneci na casa dez anos. Sozinha. E para escrever livros que mostraram, para mim e para os outros, que eu era a escritora que sou" (DURAS, 1994, p. 13), ela a dizer isto, e que durante este tempo outra coisa não se esteve a fazer senão

o estar sob o demônio da escrita. Talvez. Ou talvez que isto fosse outrora – quando dos primeiros livros. A paisagem ancestral e não mais.

Apenas lá, quando deles, os primeiros livros. Será? Mas por que o seria? Por que neles se está a inaugurar os procedimentos todos que traremos conosco? Será isto? De fato será isto? Provável que não – por que senão o que seria o tudo que acabamos por deixar ao caminho? Rastos de pólvora, restos de casos, ruas remotas. Todavia há de se ter algo a que se abandone. Os primeiros livros. Deixá-los à voracidade dos que se darão à tormenta de uma sua caça. Os biógrafos ali. À caça da presa. O aprisioná-la se a encontram. Ajuntamento de depois. Composição contínua e reiterada do nome do autor. E a sua obra. Alguém a dizer que é lá que ela se inicia, a obra. Ou que é lá que se nos despregamos. Fase um. Fase dois. Fase três – *gravando!* São vozes de intérprete à ilha de edição. Fase um, fase dois, fase três – *corta!* Alguém ainda virá a nos lançar ao rosto este algo um tanto apagado que sequer que nos reconhecemos nele o tanto que um dia o apagamos, e então nada. Uma obra ali? Onde a cerzidura a que seria a obra, uma obra? Nada mais que isto. Mas as gentes, elas. Deixar ao caminho os primeiros livros. Deixar pelo caminho um tanto de gentes. Ao modo que o que se nos dê seja a solidão. Deixar pelo caminho. Despovoar-se do que se nos grudava a nós mesmos – uns livros ali. Porque neles não pudemos o que de melhor lhes seria fosse o caso o escrevê-los num depois. Quanto o tempo a que este "depois" se nos faça o tempo dos justos? Ou o justo tempo no que sejamos o "aquele" que ao olhar a um atrás nós nos veríamos lá prontos a que nos abandonássemos tão logo, aqui, estivéssemos a nos perceber ao tanto em que um abandono se nos estava a armar? O momento certo? Será há o momento ao certo? Será há este ressaibo instado a que operemos o desmonte e que uma vez que isto – o instante, a certeza de que ele se nos faz, o desmonte nos seria tão pouco e pequenino a ponto de que nada é que ele nos doesse? Será há este tempo aos acordos de nós? Ou será estamos sempre como que em defasagem, e todo passo o que será senão o solavanco sem promessa ao que nos surge? Talvez que sim, talvez que isto. E então, a casa. Porque há de haver a casa o refúgio, o resguardo. Porque há de haver dias inteiros ali às árvores – dias inteiros sob a cisma de que não se nos repovoe o tudo aquilo que não nos queremos a um seu pouso. Cerrar as janelas, as portas, os botões da jardineira, for o caso o frio arrebatador – um lençol branco por sobre o corpo, uma armadura, o aparador das unhas, uma foice, a vontade de matar o que nos é o intolerável. A solidão que neles havia. Ela a companheira que se tem consigo. E as palavras, e as palavras – porque há de servir a um algo as palavras. Senão para que dispô-las aos outros? Para que arranjá-las a nós? Para que guardarmo-nos o tanto que apenas elas o que temos? Paris, Trouville, Neauphle – o recolhimento, o trabalho, a solidão povoada pelo tanto a fazer. Talvez que ainda algum cinema, as palavras na condução das imagens, e a tal ponto isto que por vezes é bom que sequer que haja as imagens como que à confusão das palavras. Fazer que se molde um cinema aos textos, um cinema desde as palavras, os textos no despejo da boca – alguém que lê o que não se pode ao representar, e representar seria o erro uma

vez que se representasse o melhor possível. Mas como que isto? Bastaria que se estivesse a fazer que não se representava, bastaria que se estivesse a sugerir que não havia um texto desde atrás daquilo que se nos punha à cena, ela mesma a cena como algo inteiriço, total, integral. A cena absoluta². Para onde isto? E então, bom que se a rasgue, que se a desmantele. Paris, Trouville, Neauphle. Separar-se de todos os outros. Ela irá contar que de algum modo sempre lhe fora assim. Separar-se de todos – os editores, os bajuladores – as gentes que rodeiam a vida, algum filho que nos rodeie, separar-se dos amores, até que um amor se nos chegue e que se nos chegando será ele nos faz chegar às coisas que não queremos ainda que se nos encerrem, será ele nos faz chegar a esta que nos fazemos em curso? Está-se à caça das coisas. Está-se ao separo delas, o joio, o trigo. A escrita bem pode ser esta coisa a que se está à caça. Preparar-se a ela. Preparar-se até que ela. Habitar-se dela. Habituá-los a ela. Deixar que ela se nos prepare ao coice do que sequer nos olha um "atrás". Nada desde "este atrás". São lanços. São espasmos. É de golfadas em corredeira, a escrita. Coisas mais a cercam. Claro que sim. Coisas outras, a bebida uma coisa que é outra. Mas a bebida está na escrita também. Ela a empanadura, ela a encharca, ela a embriaga. Parece que faz falar de forma mais solta o que estava como que contido em algum lugar, ou em algum modo do não dizê-lo. Quem sabe seria num outro tempo este modo, ou este lugar ao que não se fez. E então, a bebida. E então, o escrever. Ela esteve sempre à escrita. Mesmo quando nada é que escrevia ela esteve à escrita. Ela a dizer isto ao seu modo ela o disse "a partir do momento em que se está perdido e que não se tem mais o que escrever, mais o que perder, aí é que se escreve. Ao passo que o livro está ali, e grita, exige ser terminado, exige que se escreva. A pessoa se vê obrigada a se colocar a seu serviço. É impossível escapar de um livro, antes que ele esteja afinal escrito – ou seja, sozinho e livre de você que o escreveu. É tão insuportável quanto um crime" (DURAS, 1994, p. 21-22), e então que se apagam as marcas, as digitais ali impressas nele, um livro a estampar-se às vitrinas, ele ao mostruário, um nome ali não seria o daquele que se dá à entrega, o crime declarado, o réu confesso, a justiça de mãos atadas, os promotores ao desemprego, *o réu confesso* – outra vez isto, o réu confesso, orgulho de todo tribunal, mural da sentença, o nome pendurado em cada página, o nome ao alto a ver as páginas que se despregam dele, a ver se as páginas caem, será que isto, e não se lembrar de nada, não se lembrar que se escreveu, não se lembrar se as páginas elas caem, não se lembrar dos encontros de quando os livros nos exigiam à presença a eles, não se lembrar das cidades nas que se passou, Caen, Caen – será lá se esteve, e será lá se esteve de entre os estudantes, não se lembrar de nada, não se lembrar, não se lembrar de nada, de ninguém, são

2 - Cf. Duras (s. d., p. 69): "É por isso também que não posso considerar entregar o texto a um ator teatral: ele seria obrigado a aprendê-lo, e portanto representá-lo. Uma leitura rápida, uma primeira leitura rápida, com as folhas na mão, é tão cinema, se não mais, que a interpretação do conteúdo dessa leitura ou sua representação".

os livros a sua evocação do nós, ela a evocada, ela a dizer que "tudo escrevia quando eu escrevia na casa. A escrita estava por todos os lados" (DURAS, 1994, p. 22), e então, o escrever. Ela esteve sempre à escrita. Mesmo quando nada é que escrevia ela esteve à escrita. Yann Andréa Steiner apenas ali é que começara. Ao modo de cartas. Cartas inúmeras até que ela. Cartas a uma autora consagrada. Uma atrás da outra como num jorro, uma atrás da outra, dia a dia, todos os dias. Uma mais trágica que a outra. E belas uma vez que trágicas as cartas. Yann, um seu autor. Ou será não se é um autor uma vez que o que se escreva sejam cartas tão somente cartas? Mas será se está a ponto disto, um autor como que às primeiras obras – aquelas a que se abandonará num depois, e que as cartas o que são seriam elas um seu ensaio, o ensaio a uma obra primeira, o ensaio ao que será, as cartas como uma proto-obra, Yann um protoautor, um futuro pretérito desde ali o seu agarramento, a sua constância ao que há de se empreender – será uma carta depois da outra a edificação necessária ao livro que será iniciado em 5 de agosto de 1982? Ou nada que seria o livro não fosse a vontade do encerrá-las, o deixar de lado aquele trâmite, a relação postal, ele ela, as cartas, o percurso do que dele a ela seria, as cartas o percurso do que entre ele e ela se faria, e ela ao seu resguardo, e ela a preferir que assim o fosse um seu resguardo, e que se bastasse a isto o tudo que deveria haver entre eles, tudo em sendo aquelas cartas, não umas cartas quaisquer, mas as cartas de Yann, ela a dizer delas que elas "eram bem curtas, espécies de bilhetes, quase apelos gritados de um lugar invisível, mortal, de uma espécie de deserto. Esses apelos eram de uma beleza evidente. Eu não lhe respondia. Guardava todas as cartas" (DURAS, 1993, p. 2) – ela a dizer isto. Nelas, nas cartas, se esteve a dizer do amor que se tinha. Do amor desde os livros, as palavras, as imagens todas, as personagens a que se experimenta o contorno delas a si, Lol V. Stein, Anne Marie Stretter, Aurélia Steiner, as personagens, a ambiência, uma caixa de ressonância sonora à inflexão vária. As cartas a dizer do perigo a que se está – que é a morte o que seria não fosse o encontro, e a vida a ser depositada no encontro. No entanto houvera já o encontro – *será houve o encontro?* A projeção de *Índia Song*, as falas de depois – o interrogatório dos estudantes. E o cansaço com tudo, o fastio das cenas sempre repetidas – *ter que dizer um algo sobre um algo que já se disse, ter que trazer consigo (ainda) uma palavra à manga para fazer aquietar o leque das perguntas, ter que trazer à boca a desgraça de toda pergunta – a resposta, uma resposta, alguma palavra a encerrar a dúvida – mas para quem se deve isto? para quem se deve encerrá-la?* E então o fastio, e então a vontade de esquecer, e então o não estar sequer ali quando é ali que se está. Faz-se que não. Faz-se que se está a ver os navios que passam. Faz-se que sequer é "navio" o que nos interessa quando se está sob o argumento de que se está a vê-lo. Ela disse não lembrar de nada. Não lembrar do encontro que houve. Não lembrar de Caen, não se lembrar da cidade, ela disse não lembrar da projeção que lá se fizera de seu filme, não lembrar do mar de inquirição, não lembrar de nenhum rosto em especial de entre os rostos que não se lembra. Não lembrar de Yann. Talvez que fosse o álcool – diz-se ele faz esquecer, diz-se ele faz com que as coisas se apaguem de forma

involuntária. E então fosse o caso o não querer lá se estar lá se estando seria o álcool um algo digamos assim providencial. Ela diz não lembrar se havia bebido. Mas houvesse a bebida não haveria a lembrança. E na certa que havia a bebida. Foram verões inteiros sozinha com o álcool em Neauphle. *O álcool a dar ecos à solidão* – são palavras dela. Prefere-se o álcool então. É que a solidão há de ser colocada onde antes havia gentes. E eis que o álcool. Diz-se ele faz esquecer. Ela disse não lembrar de nada. Não lembrar da cidade, não lembrar da cerimônia, não lembrar que viajara até lá, não lembrar que estivera ao rasto do filme que fizera. Mas parece ter havido o encontro. Ou ao menos o ensaio. O ensaio de um encontro. As datas confirmam o fato. A agenda confirma a utilização das datas aos fatos de que lá se esteve a eles. Porém apenas que depois o que se deu foram as cartas – mas, ao certo, as cartas acabaram por se fazer o começo de tudo. O disparo a que um encontro se tornasse possível. O deflagro a que de um encontro restasse algo como um seu punhado de marcas. Indeléveis. *Inesquecidas*. E então, que seria um dia o livro. Livro dele, livro dela. Outras datas, novas datas. Aquela data perene – 5 de agosto de 1982 ela espoca aos olhos de que se dá ao livro de Yann Andréa. Ali se iniciara o ensaio da morte que não veio. O internamento dela ao quarto 2327 – ela a paciente. A que espera que seja a morte o encerro da dor, que seja a morte o nome da doença, o nome de um livro, o signo de um encontro improvável. Doença da morte. Da impossibilidade do dar-se. De tão improvável que se esteja aí – à condição na que se torna possível uma entrega. No entanto ele. No entanto ela. Yann Andréa. Marguerite Duras. Porque no princípio foram as cartas. Durante um tempo foram as cartas e tão somente isto. Ela dissera que não eram cartas comuns, cartas entre outras cartas. Eram as mais belas cartas que recebera na sua vida. Eram as cartas de Yann. Parece, ela dirá, havia ali nelas uma voz que persistiu mesmo quando as cartas começaram a não chegar. E então, diz-se, ela fora em direção da voz. Ela fora na direção das cartas. Ela *desconstruira* a espera, ela desautorizara o lugar, a função que é a da posta-restante. Ela esteve a desordenar os fatos, as imagens, os planos-sequência, os modos mesmos do fazê-lo, e também aos dias, e também aos conformes, e também ao que se estava como que à previsão do que poderia um dia vir a ser. Ela que estivera todos aqueles anos ao resguardo – resguardo de si, resguardo da escrita, e que “de repente, houve um desabamento do tempo. E foi a noite” (DURAS, 1993, p. 115). Antecipar o futuro. Até que ele viesse onde era ela.

Yann Andréa Steiner and the patient's room 2327

Abstract – Marguerite Duras and Yann Andrea Steiner were lovers. She in the end of her life. He, a young homosexual. Marguerite Duras had problems with alcohol throughout much of his life. Alcohol is the constituent elements of literature. One time – she was almost death. Unconscious for several months. Yann Andrea Steiner who was accompanied in these days of absence. He wrote a book from this absence and his testimony. Book whose

name are the initials of her: MD. Marguerite also writes a book whose title is the name of her lover. This text is the inadvertent crossing of the two.

Keywords: Marguerite Duras, Literature, French literature, Brazilian literature, romance.

REFERÊNCIAS

ANDRÉA, Y. *M. D.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

DURAS, M. *O deslumbramento.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Vida material.* Rio de Janeiro: Globo, 1989.

DURAS, M. *Yann Andréa Steiner.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Escrever.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *O caminhão.* Rio de Janeiro: Record, [s. d.].

LEBELLEY, F. *Marguerite Duras: uma vida por escrito.* São Paulo: Scritta, 1994.

QUEIROZ, A. *Palavra, imagem: ensaios sobre cinema, filosofia e literatura.* Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.